

PIONEIROS

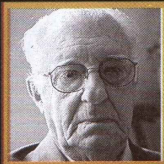
Histórias de quem fez Brasília

As oportunidades de trabalho na nova capital eram imensas. Quem não vinha com um emprego ou profissão definida logo arranjava o que fazer na Brasília em construção. O Plano Central era assim, terra dos empreendedores, dos apaixonados. E isso que mostram as lembranças de cem dos primeiros moradores da cidade, reunidas na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*.

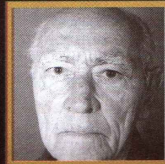
Claudionor dos Santos



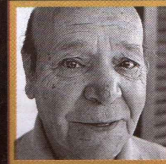
Francisco de Bessa Leite



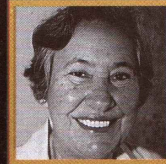
Manoel Moura



Vicenzo Casella



Yolanda Ahnert



PIONEIROS



Claudionor Pedro dos Santos

Uma vida simples e de muito trabalho na capital

Arquivo pessoal



O ANO ERA 1958, O BRASIL GANHAVA COPA E, NO PLANALTO SURGIAM OS PRIMEIROS TIMES DA CAPITAL, FORMADOS POR TRABALHADORES, COMO O CENTRAL CLUBE NACIONAL

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A chegada a Brasília teve um gosto amargo para o algoano Claudionor Pedro dos Santos. De família simples, mas acostumada ao mínimo de conforto, poucos dias antes de completar 18 anos, em 1957, foi apresentado à vida daqueles que, na história da nova capital, ficaram conhecidos como candangos. Claudionor, hoje servidor público, 64 anos, conta com carinho como tornou-se fiscal da obra mais importante do país — o Congresso Nacional.

Influenciado pelas qualidades da vida em Goiânia, contadas em cartas pelo irmão Clóvis, Claudionor desembarcou na capital de Goiás no dia 21 de julho de 1957, três dias antes de completar a maioridade. Acompanhado do amigo Antônio, descobriu rápido o destino incerto que o aguardava no Planalto Central. O irmão havia se mudado para a região onde estava sendo construída a futura Capital Federal. Sem dinheiro para retornar ao Nordeste, a saída foi procurar o irmão onde três anos mais tarde seria inaugurada Brasília.

Na época, o ônibus de Goiânia ao futuro Distrito Federal levava 12 horas para concluir o trajeto. O ponto final era num posto de combustíveis chamado Berocan, na Cidade Livre (Núcleo Bandeiran-

te). Exausto e sem a menor noção do endereço do irmão, Claudionor começou a busca ali mesmo. Outra surpresa o aguardava: o frentista o informava que havia um ala-

goano trabalhando em uma oficina mecânica atrás do posto. “Com o restante de dinheiro que tínhamos, dormimos no Hotel Brasília”, conta. “No outro dia, logo cedo,

me levantei para confirmar se o algoano da oficina era mesmo meu irmão”, completa.

A suspeita foi confirmada. Claudionor foi levado pelo ir-

meão para a habitação que chamava de casa com naturalidade: uma barraca de lona, onde vivia com a esposa e dois filhos. “Parecia um pesadelo, eu não queria ficar aqui daquele jeito, mas fui convencido a continuar e procurar emprego”, afirma.

O primeiro trabalho apareceu logo na sua frente. Um carro com alto-falante passava pela Avenida Central do Núcleo Bandeirante oferecendo mensagens para as pessoas e transmitindo os jogos classificatórios para a Copa do Mundo de 1958. “Eu já tinha trabalhado com alto-falante numa loja de tecidos em Maceió e pedi pelo emprego”, diz. “O teste era ler um texto escrito num pedacinho de papel”, diverte-se.

O Congresso Nacional

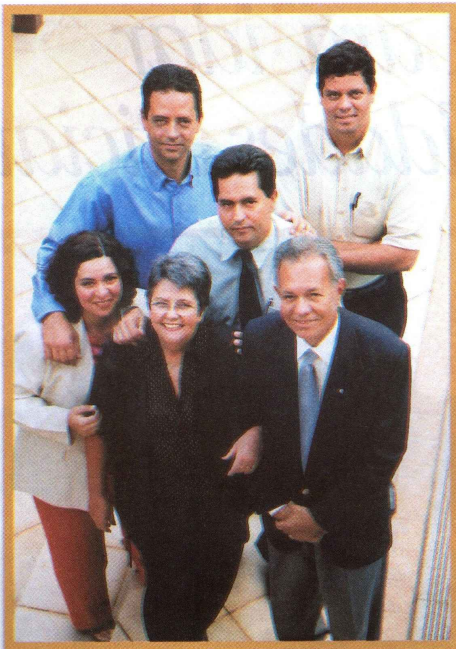
Por ser o único meio de comunicação disponível aqui em 1957, as empresas responsáveis pelas construções na nova capital requisitavam pelo alto-falante de Claudionor o pessoal para as obras. Em uma destas oportunidades, Claudionor deparou-se com a lista de vagas para a construção do Congresso Nacional. “Me pareceu uma ótima chance de crescimento profissional, então, mesmo sem experiência, me ofereci para um dos empregos”, revela.

Os trabalhadores da obra ficavam em um acampamento

PIONEIROS

O alagoano veio para Brasília atrás do irmão e acabou ficando. Trabalhou no serviço de alto-falante da Cidade Livre, nas obras do Congresso e foi um dos primeiros moradores de Taguatinga

CLAUDIONOR E GILDA SE CONHECERAM AQUI. LUGAR QUE ESCOLHERAM PARA CRIAR OS FILHOS



distante cerca de um quilômetro do lugar onde o prédio seria levantado, na Esplanada dos Ministérios. O pagamento era feito por hora trabalhada, o que incentivava a todos a não pararem de trabalhar. O prazo para o término da construção era mínimo. Em menos de dois anos, tudo devia estar concluído.

Claudionor era responsável por acompanhar e não deixar parar o trabalho de todos os empregados da obra. "Gravei os números de cadastro de todos os operários, mais de mil homens", afirma. "Como tinha boa caligrafia, além de percorrer o canteiro todos os dias, também ficava no escritório escrevendo à mão as folhas de pagamento."

Além do trabalho, pouco havia para se fazer em Brasília. Nos dias de folga, os candangos iam de caminhão para as cidades próximas como Formosa e Anápolis. "Era lá que paquerávamos e nos distraíamos um pouco." A paixão brasileira pelo futebol, que na época vivia seus tempos áureos, fez com que fosse improvisado um campo de futebol ao lado do acampamento, vizinho ao Congresso Nacional. "Montamos o Central Clube Nacional e chegamos até a disputar o Campeonato de Brasília com os times que já existiam aqui: Defelê (da Companhia de Força e Luz), Rabelo (da própria construtora), Guarã e Pedrneiras (da construtora do IAPI).

Visita Ilustre

Por mais de uma vez, Claudionor diz ter encontrado o presidente Juscelino Kubitschek andando pela obra durante a madrugada. A

primeira vez foi em abril de 1958. "Quando ele me viu, se aproximou e me abraçou, sem dizer nada", conta. "Fiquei emocionado."

A presença de JK sempre perto dos candangos era como um elixir revigorante. Todos os sentimentos de insegurança ou arrependimento pela sobrecarga de trabalho, que enfrentavam aqui, desapareciam quando o presidente falava aos candangos. "Ele se aproximava de nós, não fazia questão de ser tratado como autoridade, queria estar perto do povo, era assim que se sentia feliz", conta. "Tínhamos medo de que Brasília não se firmasse depois que ele deixasse o governo porque havia muita gente contrária à mudança da capital e ele era a força que fazia a construção andar", conclui.

Pouco antes da obra do Congresso ser entregue, em 1959, a família de Claudionor mudou-se para cá. A economia feita com o dinheiro que recebia como fiscal de obra foi suficiente para pagar as passagens dos pais e 10 irmãos. Nos primeiros dias após a chegada, os parentes puderam se instalar provisoriamente no acampamento da obra. Dali, nos dias seguintes, partiram para a primeira moradia na nova capital, em Taguatinga.

A cidade praticamente não existia: apenas a Avenida Central com algumas lojas e muito cerrado. O final de Taguatinga ficava onde até hoje está a farmácia Virgens da Vitória, no Centro. Para trabalhar ou fazer qualquer outra coisa, era preciso ir até o Núcleo Bandeiran-

“**TÍNHAMOS MEDO DE QUE BRASÍLIA NÃO SE FIRMASSE DEPOIS QUE ELE (JK) DEIXASSE O GOVERNO PORQUE HAVIA MUITA GENTE CONTRÁRIA À MUDANÇA DA CAPITAL E ELE ERA A FORÇA QUE FAZIA A CONSTRUÇÃO ANDAR**”

Raio X

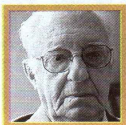
Nome: Claudionor Pedro dos Santos
Idade: 64 anos
Origem: Maceió, Alagoas
Profissão: Funcionário público
Ano de chegada a Brasília: 1957
Esposa: Gilda Rodrigues dos Santos
Filhos: Paulo, Cláudio, Marco da empresa, vendendo eletrodomésticos de porta em porta", recorda. A venda em domicílio era comum nos primeiros anos de Brasília. "Em uma ocasião, ofereci carona para ela e o namoro começou pouco tempo depois." Gilda era de Luziânia e também viera para o Distrito Federal encantada com o projeto de JK. Em maio de 1963, o dois se casaram na igreja Perpétuo Socorro, em Taguatinga.

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Brasileiro Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



Francisco Luiz de Bessa Leite

Bom humor para lidar com as dificuldades iniciais

Arquivo Público



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Uma fazenda, onde estava sendo construído o Catetinho, casa que serviria de sede do governo federal provisoriamente até 1960. E pronto. Foi isso que o pioneiro Francisco Luiz de Bessa Leite encontrou quando chegou a Brasília, em outubro de 1956, para conhecer e, no mês seguinte, para morar. Vindo de Belo Horizonte, a convite de Israel Pinheiro, o advogado de 36 anos se viu em um local onde não havia luz, não havia estradas de ligações com Goiânia ou outra capital e a comunicação era feita apenas por meio de rádio para o Rio de Janeiro. “A única coisa que tinha aqui era mata. O resto nada tinha”, conta Francisco, que tinha que se locomover de jipe pela cidade.

Israel Pinheiro era amigo da família. Ele e Francisco já haviam trabalhado juntos outras vezes em Minas Gerais. Por isso, nada mais natural que o convite para ser o responsável pela chefia do setor de material do acampamento da Novacap, localizada nos fundos de onde hoje está o Zoológico. Logo que chegou ao acampamento, o advogado recebeu sua nova morada: uma barraca do exército. “Dei muita risada e tive que me lembrar dos meus tempos de escoteiro para poder armar aquela barraca”, conta Francisco. Ao fim da ma-

ratona de montagem, Francisco perguntou à cozinheira — “a única mulher do acampamento” — o que tinha para o jantar e ela disse que só tinha macarrão e que estava acabando. Resultado: no seu segundo dia em Brasília, Francisco teve que ir às compras. O único problema era a distância, pois a cidade mais próxima, onde havia um mercado, era Luziânia, e a viagem demorava cerca de seis horas. “Para não correr o risco de voltar a fazer essa viagem tão cedo, comprei todo o estoque do mer-

cado, o que incluía macarrão fabricado dois anos antes”, recorda-se Francisco. Precavido que era, ele também deu uma passada pela farmácia e, mais uma vez, comprou todo o estoque de caixas dos dois únicos remédios que tinham lá: aspirina e um laxante.

Além de ser o responsável pelo material do acampamento da Novacap, Francisco acabava sendo o chefe de tudo por lá. “Nesse início, eu era procurado para tudo. Fui de médico a delegado. Todos me respeitavam”,

ênfata. Uma das primeiras atitudes do pseudoprefeito do acampamento foi o desarmamento das pessoas que ali chegavam. “Muitos vieram armados e com a cabeça quente. Tudo podia acontecer. Por isso, recolhi as armas de todos e disse que o único que andaria com um revólver na cintura, para manter a ordem no local, seria eu”, lembra ele, ressaltando que as armas eram devolvidas a seus donos no momento em que eles deixavam o acampamento. Mesmo nos acampamentos vizinhos, Fran-

cisco era tido como uma pessoa de respeito. Certa vez, um recém-chegado o procurou apavorado dizendo que havia uma onça perto de sua barraca e que ele iria embora da cidade. Dito isso, o novato foi imediatamente para

FRANCISCO FOI CHEFE DO ACOMPAMENTO DA NOVACAP ANTES MESMO DE AS CASAS DE MADEIRA COMEÇAREM A SER CONSTRUÍDAS

PIONEIROS

Como chefe do setor de material do acampamento da Novacap, em 1956, Francisco cuidava de tudo. Foi o responsável pelo desarmamento do local para evitar violência

FRANCISCO SÓ TROUXE MARIA DO ROSÁRIO PARA A CAPITAL EM CONSTRUÇÃO DEPOIS QUE FORAM ERGUIDAS AS PRIMEIRAS CASAS DE MADEIRA NO ACAMPAMENTO



o Catetinho avisar — via rádio, naturalmente — a Israel Pinheiro que não ficaria mais aqui. “Lembro-me perfeitamente que eram cerca de cinco horas da manhã quando fui acordado por essa pessoa. Mandei um empregado meu investigar e matar a onça. Mas ele descobriu que a onça era, na verdade, uma vaca prenha que estava presa em uma cerca”, diverte-se Francisco. Quando soube da confusão, ele foi ao Catetinho trazer o colega de volta, mas não teve jeito. “A notícia já tinha chegado ao Rio de Janeiro e à imprensa. A vaca acabou virando onça”, conta Francisco, às gargalhadas.

Preservação do Cerrado

O tempo foi passando e as baracas começaram a ser substituídas por casas de madeira. Para não acabar com as árvores da cidade, determinou-se que a madeira do cerrado não poderia ser utilizada nas construções. Mas Francisco descobriu que havia uma pessoa desrespeitando tal ordem. Quando ele chegou ao local onde estaria sendo construída a casa com a madeira de árvores daqui, deu ao morador 24 horas para que retirasse dali suas coisas para que a casa fosse derrubada. “Ele não acreditou muito que eu iria fazer aquilo, mas não tive outra opção. Mandei o trator passar por cima da casa com tudo dentro: geladeira, fogão”, conta o pioneiro, lembrando que a casa esmagada ficou intacta por quase um ano e era mostrada para as pessoas como um exemplo do que poderia acontecer com quem não respeitasse a orientação de não devastar o cerrado.

Somente depois da instalação das casas de madeira, em março de 1957, é que a esposa de Francisco, a professora Maria do Rosário de Bessa, e a primeira filha do casal, Maria Tereza, vieram para cá. Depois, o casal ainda teve mais três filhos, um que nasceu em Belo Horizonte e os dois últimos nascidos em Brasília.

Uma das armas que Francisco de Bessa Leite usava para transportar os obstáculos oferecidos pela nova cidade era o bom humor. Marca registrada desse pioneiro de 83 anos até hoje. Uma das provas de seu bom humor era a maneira com que lidava com a seca da cidade, uma das principais dificuldades enfrentadas na nova capital. “Adorava jogar um copo de água na terra para ver evaporar em menos de um minuto tão baixa era a umidade do ar”, lembra. Segundo Francisco, a seca só foi melhorar mesmo com o Lago Paranoá.

Um aspecto da cidade que chamou a atenção do pioneiro foi a irmandade que logo foi se formando aqui. O que ele chama de “o espírito Brasília”. Ca-

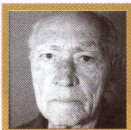
“**MUITOS VIERAM ARMADOS E COM A CABEÇA QUENTE. TUDO PODIA ACONTECER. POR ISSO, RECOLHI AS ARMAS DE TODOS E DISSE QUE O ÚNICO QUE ANDARIA COM UM REVÓLVER NA CINTURA, PARA MANTER A ORDEM NO LOCAL, SERIA EU**”

ronas eram dadas sem nem sequer saber para quem, favores eram pedidos, todo mundo se ajudava em troca de nada. “Estávamos todos juntos em busca do mesmo objetivo de entregar Brasília no prazo estipulado”, afirma Francisco. Mas essa camaradagem teve data exata para terminar: o dia da inauguração da cidade. Afinal de contas, o objetivo em comum já havia sido alcançado. “Senti muito quando tudo isso acabou. As pessoas começaram a se distanciar e a cidade estava cada vez mais cheia”, lamenta o pioneiro, que acabou indo morar em uma casa na W3 Sul.

Mas isso não tira de Francisco a admiração e — por que não? — o amor que ele tem pela cidade. Mesmo com tantos desvios do plano original, lamentados pelo pioneiro, e com a violência que cresce a cada dia. “Isso não tira a importância da cidade. Antes de Brasília, o Brasil só tinha olhos para o mar. Com a capital vindo para cá, o país voltou-se para o interior também”, finaliza, orgulhoso de ter participado dessa abertura de horizontes.

Raio X

Nome: Francisco Luiz de Bessa Leite
Idade: 83 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1956.
Profissão: Advogado. Trabalha na Subchefia de Assuntos Jurídicos do Palácio do Planalto
Esposa: Maria do Rosário de Bessa Leite
Filhos: Maria Tereza, Antônio Luiz, Adriana e Marcelo.
Netos: Marcela, Maria Eduarda, Mélanie, Maria Elisa, Mathews, Gabriela, Bernardo, Eduardo e Débora.



Manoel de Andrade Moura

O pioneiro veio para Brasília em 1959, já estava estruturada. Foi um do

Preferência pela capital no centro do país

DE CACIARI
DO ARANHA EXIBIR
A ASIM CIBAZER
PEL JATYRA
REPTO DA NUTRIAL

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Em seus 79 anos de vida, o aposentado Manoel de Andrade Moura já morou nas três capitais federais que o Brasil teve — Salvador, Rio de Janeiro e Brasília — e não tem dúvidas ao escolher a atual capital como a sua preferida. “Gostei de morar nas três em sentidos e intensidades diferentes, mas Brasília é especial, pois trouxe um clima de esperança para todo o país por ser a realização do sonho de grandes pensadores pelas mãos do presidente Juscelino Kubitschek”, afirma diplomático, sem desmerecer nenhuma das três cidades.

Manoel veio do Rio de Janeiro para Brasília em novembro de 1959, designado pelo Senado Federal, órgão para o qual trabalhava, para receber o serviço de som da Casa na nova capital. Mais tarde — em meados da década de 60 —, Manoel foi um dos fundadores da Gráfica do Senado, onde trabalhou até se aposentar. Faltando menos de um ano para a inauguração da cidade, o pioneiro já encontrou muita coisa estruturada por aqui. “A cidade estava praticamente toda demarcada. Sabia-se onde iriam ser todos os setores, as quadras, os prédios, mas a maioria das construções ainda não passava de ideias e demarcações”, lembra

Arquivo pessoal



Manoel. Somente o comércio básico, como farmácias e padarias, já estava no Plano Piloto. “Se precisássemos de alguma coisa mais difícil ou de fazer uma compra maior, tínhamos que ir à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante)”, afirma o pioneiro. Isso em um tempo em que o transporte coletivo não existia, mas que, em compensação, a “carona era institucionalizada”.

Alívio e esperança

Tanta coisa para terminar em tão pouco tempo levou o experiente

servidor público, de 34 anos, a questionar se a cidade ficaria realmente pronta a tempo de Juscelino Kubitschek inaugurá-la ainda em seu governo. Mesmo acreditando em Brasília e na necessidade de se trazer a capital para o interior do Brasil, Manoel confessa que muitas vezes temeu pelo destino da cidade. “Meu maior medo era o de Juscelino não conseguir entregar a obra e o próximo governo não dar continuidade à construção da cidade, como acontece com várias obras públicas no Brasil”, explica Ma-

noel, que no dia da inauguração sentiu um misto de felicidade, alívio e esperança na melhoria do país.

Quando chegou à nova capital, Manoel de Andrade Moura não trouxe de imediato sua primeira esposa, Jovelina Moreno, e seus três filhos, Luis Carlos, Rita Maria e Antonio Carlos. “Não queria que eles viessem sem termos um local para morar”, afirma um zeloso Manoel, que, na verdade, ouvira falar muito mal dos acampamentos no Rio de Janeiro. A verdade é que ele morou pouco

MANOEL (DE ÓCULOS ESCUROS) COM COMPANHEIROS DO INÍCIO DE BRASÍLIA ONDE SERIA O ANEXO DO SENADO

tempo em um acampamento — cerca de três dias — e foi logo à luta por um apartamento. “Ofereceram-me um em um prédio JK (janela e kitchenette), mas eu não quis. Sabia que estavam para sair apartamentos melhores e recusei

a em 1959, para receber o serviço de som do Senado. Havia poucas construções prontas, mas a cidade dos fundadores da Gráfica do Senado, em meados dos anos 60, onde trabalhou até se aposentar



COM LIRA, MANOEL APROVEITA A VIDA NA CAPITAL QUE AJUDOU A CONSTRUIR

essa primeira opção”, lembra ele, que logo conseguiu um apartamento na 304 Sul. E não foi um apartamento qualquer. “Deixaram-me escolher qual apartamento eu queria no bloco A daquela quadra”, diz o pioneiro. Ele escolheu um no primeiro andar — “era melhor porque não tinha muitas escadas para subir” — e, aí sim, trouxe a família para cá.

A mudança dos ares úmidos e praianos do Rio de Janeiro para o frio seco de Brasília assustou um pouco a família toda. “No início fiquei um pouco dividido por causa da falta da praia, do frio e da seca dessa cidade, mas acabei persistindo e hoje não me arrependo de ter ficado por aqui mesmo”, diz o aposentado, que, para aliviar a saudade, chegava a ir para o Rio de Janeiro mais de três vezes ao ano. Outra maneira encontrada por Manoel para esquecer um pouco o que ficara para trás era o trabalho. “Havia muito o que ser feito no Senado e na cidade”, lembra. Nos momentos de folga, a programação era visitar os amigos e assistir à TV, pois Brasília “não tinha cinema, o Lago Paranoá, o Parque da Cidade. Nenhum desses lugares”.

Quando se aposentou como funcionário do Senado, Manoel não sossegou e foi buscar em uma loja de produtos eletrônicos um meio de ajudar no desenvolvimento da cidade. O pioneiro investiu em maquinário e treinamento e abriu uma loja de antenas parabólicas — uma entre as três que existiam na cidade. “Isso em um tempo em que as antenas eram coletivas, ou seja, um prédio só tinha uma antena para atender a to-

dos os apartamentos. Hoje, com o avanço da tecnologia, cada apartamento tem a sua”, ressalta. Nessa época, Manoel pôde construir sua casa no Lago Sul, endereço onde mora até hoje, e investir em outros pontos comerciais — como o que alugava para a tradicional confeitaria Reis, uma das primeiras da cidade. Mas o mercado foi se abrindo, a especialização exigida foi cada vez maior e seu principal ajudante, o filho Luis Carlos, seguiu os passos do pai e foi ser pioneiro em Palmas. A guinada na vida do pioneiro se completou com o seu segundo casamento e o nascimento de suas duas filhas mais novas, Patrícia e Andréa, as duas brasilienses do quinteto de Manoel.

O espírito aventureiro sempre fez parte da personalidade desse pioneiro. Além de participar da epopéia da transferência de capital do Rio de Janeiro para cá, ele também tomou parte

de outras aventuras brasileiras. Em uma delas, talvez a de que mais se orgulhe, Manoel foi combatente da Marinha brasileira na II Guerra Mundial. “Eu era responsável pelos comboios das embarcações brasileiras por toda a costa”, conta. E foi com a coragem de um ex-combatente que Manoel deixou no Rio de Janeiro uma de suas maiores paixões: o mar. “Senti muita falta de toda aquela vida perto do mar, mas o desejo de participar do desenvolvimento de uma capital era maior”, conta sem esconder a satisfação de ter vencido mais esse desafio. “Brasília é hoje referência para o mundo todo e o motivo é simples. Juscelino era um grande estrategista e, como em um barco, escolheu o local mais apropriado para montar sua cabine de comando: o centro, onde os ataques demoram a chegar e de onde pode se controlar todo o seu redor”, finaliza.

“BRASÍLIA É HOJE REFERÊNCIA PARA O MUNDO TODO E O MOTIVO É SIMPLES. JUSCELINO ERA UM GRANDE ESTRATEGISTA E, COMO EM UM BARCO, ESCOLHEU O LOCAL MAIS APROPRIADO PARA MONTAR SUA CABINE DE COMANDO: O CENTRO, ONDE OS ATAQUES DEMORAM A CHEGAR E DE ONDE PODE SE CONTROLAR TODO O SEU REDOR”

Raio X

Nome: Manuel de Andrade Moura
Idade: 79 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano da chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Lira Zemil Rodrigues Moura
Filhos: Luis Carlos, Rita Maria, Antonio Carlos, Patrícia e Andréa.
Netos: Heraldito, Anna Christina, Gabriela, André, Viviane, Henrique, Lílían, Bruno, Renata e Manoella.
Bisnetos: Gustavo, Leandro e Júlia.

PIONEIROS



Vincenzo Casella

Mão na massa para agradar o paladar dos candangos

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A falência da indústria, o crescimento do desemprego e a vida difícil e triste na Itália pós-guerra, na década de 50, praticamente expulsaram os Casella do país. Assim como para muitos imigrantes italianos daquela época, o Brasil foi o destino de Vincenzo e do irmão Gennaro, que encontraram num buffet, na cidade de São Paulo, no início da década de 50, um lugar para trabalhar e recomeçar a vida.

O trabalho de garçom na cidade paulista não durou muito. Depois de ouvir os comentários, pela imprensa, sobre a construção da nova capital, Vincenzo e o irmão resolveram apostar no Planalto Central. E, no início de 1957, já estavam de mudança. Com a esposa Antonietta e a filha Concetta — que nasceu na Itália —, Vincenzo foi para o Hotel Santos Dummont, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), enquanto o irmão se dirigiu para o Hotel Buriti, na 2ª Avenida. E foi na principal e mais agitada avenida do Núcleo Bandeirante — a Avenida Central — que Vincenzo inaugurou o bar mais famoso da cidade: o Lanches Itália.

O pequeno barraco em madeira, cuja antiga proprietária era uma francesa, tinha uma boa localização, ao lado do Cine Bandeirante, bem no centro comercial, o que atraía muita clientela. Era gente que chegava de outros

estados, operários, engenheiros e até autoridades. “Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão e o prefeito da cidade, Paulo de Tarso, eram frequentadores assíduos do bar, onde costumavam comer alguns petiscos”, recorda o comerciante, que sempre preparava uma calabresa com bastante cebola para o presidente. “A preferida dele.”

“As pizzas de lá não eram como as produzidas na Itália. As originais são assadas em forno a lenha, o que não era permitido por causa da construção em madeira. Então eram feitas em for-

no elétrico mesmo, mas eram deliciosas”, explica o pioneiro, que usava a luz emprestada de um motor estacionário que funcionava apenas até a meia-noite. Antes de fechar, aproveitavam a luz de um lampião para fazer a limpeza.

Sempre alegre e bem disposto, o desbravador encomendava em São Paulo e Goiânia a matéria-prima para a fabricação das massas, bem como as bebidas para o quiosque. O pedido demorava de 20 a 30 dias para chegar. “As cervejas e os refrigerantes vinham dentro de um saco, envolvidos

em palhas para não quebrarem”, conta.

“No início era duro, uma espécie de aventura. Para se ter uma idéia, a gente trabalhava com revólver na cintura, porque saía muito tarde do bar. Mas é claro que nunca aconteceu nada com a gente, só ouvíamos comentários sobre alguém que havia sido morto pelas redondezas”, comenta o comerciante que portava a arma apenas por precaução.

Aos poucos, o napolitano — que aprendeu lá mesmo na terra da pizza do ofício — ia conqui-

VINCENZO E O IRMÃO GENNARO MONTARAM NA CIDADE LIVRE O BAR E LANCHES ITALIA, O MAIS FAMOSO DA ÉPOCA

tando o paladar dos candangos e aumentando sua clientela. Com o passar do tempo, teve de improvisar umas cadeiras do lado de fora do Lanches Itália para acomodar a todos.

PIONEIROS

O italiano veio com o irmão tentam a vida no Planalto Central. Entrou no ramo de alimentação e não saiu mais. Foi dono do Lanches Itália, na Cidade Livre, e do Kazebre 13, no Plano Piloto

A FAMÍLIA É A GRANDE ALEGRIA DE VICENZO, QUE, JÁ APOSENTADO, SÓ COZINHA PARA A MULHER, FILHOS E NETOS



A primeira pizzaria

O amigo e prefeito Paulo de Tarso sempre rodeava o bar e insistia com o imigrante para que comprasse um terreno no Plano Piloto para ampliar o comércio. Até então, o pioneiro não acreditava muito no sucesso da construção da capital no meio daquela "imensidão de mata". Só acreditou mesmo na transferência do governo quando avistou as obras que aos poucos davam forma à igreja Dom Bosco, na W3, e a Rodoviária. "Corremos até a prefeitura para comprar o terreno, mas infelizmente não havia mais nenhum. Tinha acabado", lembra Vicenzo.

Pouco tempo depois, o comerciante recebeu uma proposta do dono do bar Casebre, Sebastião Valadares, disposto a vender o imóvel na 504 Sul. "Fizemos uma reforma no bar, que passou a se chamar Kazebre 13, escrito com K, em homenagem a Juscelino Kubitschek, e com Z e o treze para dar sorte", explica.

Diferentemente do bar da Cidade Livre, a primeira pizzaria da cidade — inaugurada no mesmo dia da inauguração da nova capital — funcionava também como restaurante. O ambiente rústico e agradável — todo construído em madeira — e a receptividade de Vicenzo fizeram do local um dos mais frequentados pelos moradores. "Talvez o pessoal daqui me achasse um pouco quadrado, mas lá eu não permitia relacionamentos mais íntimos entre os casais. Por isso, quando os via se beijando, eu chamava a atenção e avisava que lá era uma casa de família. Senão começavam com beijo e depois chegavam às vias de fato", explica. Quando ele aparecia, os

fregueses logo diziam: "Lá vem o Sr. Vicenzo..." que ficou famoso na cidade por esse detalhe.

O ambiente familiar e a qualidade das pizzas, feitas no estilo napolitano — assadas no forno a lenha, com massa de espessura média —, levaram os filhos do ex-presidente Ernesto Geisel, "que não saíam do restaurante", e os ex-presidentes Tancredo Neves e Fernando Collor a frequentarem o lugar.

Era no local de trabalho, onde o candango passava a maior parte do tempo, que ele fazia as amizades. Os poucos momentos de folga ele aproveitava para puxar um papo com os fregueses e falar de futebol. O sucesso no negócio o permitiu até comprar um apartamento na 404 Sul.

Mas conquistar a América não foi nada fácil para este pioneiro de 75 anos de idade. A família, ele só pôde trazer para o Brasil um ano depois de muito trabalho na capital paulista. Com a perda do irmão Gennaro, o pioneiro teve que tocar os negócios, sozinho, por um bom tempo.

“AS CERVEJAS E OS REFRIGERANTES VINHAM (DE SÃO PAULO OU GOIÂNIA) DENTRO DE UM SACO, ENVOLVIDOS EM PALHAS PARA NÃO QUEBRAREM”

Hoje, mesmo com "o pé na bota" (Itália), ele afirma "não trocar Brasília por nenhum outro lugar. "Brasília representa tudo para mim. Quando vou à Itália, rever os familiares, não vejo a hora de voltar", garante. "A cidade é

um encanto e uma das mais bonitas, não existe outra igual. Apesar da criminalidade — que não é um problema exclusivo daqui —, ainda se vive muito bem em Brasília", acrescenta.

Aposentado, Vicenzo hoje tem uma outra paixão: a família, que nos fins de semana enche sua casa de alegria. A visita dos filhos — Concetta, que veio para o Brasil com 1 ano e dois meses, Gennaro, Salvatore e a brasiliense Maria Cristina — e dos dezesseis netos e sete bisnetos é motivo de comemoração. Para agradar a numerosa família o *nonno* vai para a cozinha preparar a massa, como nos velhos tempos.

Com alegria, cordialidade e o talento no preparo de uma boa massa, os Casella souberam agradar como ninguém o paladar dos candangos. O reconhecimento pelo trabalho prestado na capital é visto nas ruas, no banco ou na igreja, quando o pioneiro é abordado pelos amigos, que logo pedem para que ele volte à atividade.

Raio X

Nome: Vincenzo Casella
Idade: 75 anos
Origem: Nápoles, Itália
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Empresário
Esposa: Antonietta Femia Casella
Filhos: Concetta, Gennaro, Salvatore e Maria Cristina
Netos: Ricardo, Cláudio, Vicente, Antônio, Rodrigo, Erik Bruno, Danile, Higor, Diego, Lucas, Tiago, Felipe, Maisa, Isabella, Sérgio e Nina Júlia
Bisnetos: Nicolas, Giuliana, Rebecca, Leonardo, Taiana, Taissa, Juan Pablo, Jesse e Douglas

PIONEIROS



Yolanda Ahnert

Visão para aproveitar as oportunidades na cidade

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

O furgão que trouxe a paulista Yolanda Ahnert ao Distrito Federal, em abril de 1960, carregava uma faixa com a frase: "Rumo a Brasília!". A idéia partiu dela, sem a menor pretensão e sem imaginar que um dia a imagem do automóvel na estrada seria um importante documento histórico. A decisão de vir para cá foi tomada por impulso, pelo marido, Orlando Ahnert, em Bragança Paulista, cidade onde o casal vivia na época. Era abril de 1960 e o noticiário do rádio comentava a transferência da capital federal para o Centro-Oeste. "Nesta noite, meu marido me convidou para conhecer a nova capital", conta Yolanda. "Fiquei tão emocionada e feliz com a expectativa que não consegui dormir", recorda. Yolanda diz que o sentimento que tomava conta dela era inexplicável, como se adivinhasse o futuro que a aguardava aqui.

A estrada para Brasília era péssima, com vários quilômetros de terra e poucos postos de gasolina no caminho. No automóvel, viajavam o casal, o filho Eduardo, na época com dois anos de idade (que foram comemorados na rodovia), e o mecânico Dinho. Ao chegar ao Planalto Central, a pequena família se hospedou na casa de madeira de um amigo, localizada no alojamento

Arquivo pessoal



mento da empresa Camargo Correia, próximo ao Zoológico. O clima de empreendedorismo da cidade impressionou tanto o casal, que a decisão de ficar aqui foi instantânea. "Convidamos, por telefone, meu irmão Orpheu Moysés e a esposa, Therezinha, para montar um negócio aqui e eles aceitaram", revela Yolanda.

A realidade difícil do Distrito Federal nos seus primeiros anos de existência, entretanto, apresentou-se para Yolanda logo, no escritório da Novacap. O órgão era responsável pela venda dos imóveis em Brasília. A fila no local, que ficava na W3 Sul, era

imensa e a resposta do órgão às solicitações de compra aqui era quase sempre negativa. "Ninguém queria vender o que tinha comprado aqui e o governo não facilitava a compra para quem não era funcionário público", afirma.

Sem lugar para morar no Plano Piloto, ainda no escritório da Novacap, alguém indicou a cidade de Taguatinga à família paulista. As estradas que levavam ao lugar, onde cresceria uma das mais importantes cidades do DF, ainda não estavam asfaltadas. "Quando chegamos a Taguatinga, pouca coisa havia por lá",

conta Yolanda. "Alguns barracos de madeira, a Avenida Central e três ou quatro casas de alvenaria", completa. A imagem impressionava quem pretendia deixar o conforto e a segurança a centenas de quilômetros dali, mas não desanimava. Com a ajuda prometida do irmão Moysés, Yolanda e o marido compraram um terreno de 1.130 m², localizado duas quadras atrás do local onde hoje está o Cine Paranoá, no centro da cidade, próximo à Avenida Comercial. Para garantir a parte no negócio, o casal hipotecou a casa deixada em Bragança Paulista. Restava fazer a mudança.

O MARIDO E O FILHO DE YOLANDA, JUNTAMENTE COM O MECÂNICO DINHO, DURANTE A VIAGEM DE BRAGANÇA PAULISTA PARA BRASÍLIA

Fábrica de sorvete

A mudança da família Ahnert era grande: uma carreta com o mobiliário da residência e outra com o maquinário da indústria de sorvetes, que possuía no interior paulista, e alguns carrinhos para venda na rua. "A sorveteria ia bem, mas fazia muito frio em Bragança", diz a empresária. "O clima daqui é

PIONEIROS

Ao lado do marido, Orlando, já falecido, Yolanda veio conhecer a nova capital e ficou. A família foi morar em Taguatinga, montou uma sorveteria e depois se dedicou ao ramo hoteleiro

A ALEGRIA DE VIVER EM BRASÍLIA CONTINUA PRESENTE EM YOLANDA. AQUI QUE ELA CRIOU O FILHO EDUARDO E CURTE O NETO



as oportunidades de crescimento que a cidade oferecia nos atráramos mais", completa.

A idéia era perfeita para o clima quente e seco do Cerrado, mas os problemas com a insuficiência de energia impossibilitaram o funcionamento da fábrica. "A energia que tínhamos na cidade era de um gerador que vivia queimando", afirma. "A cidade inteira ficava, às vezes, de 15 a 30 dias no escuro, usando lâmpões e velas", completa.

O fracasso do empreendimento mostrou ao casal o caminho que, anos depois, devolveria aos Ahnert a cobiçada segurança financeira: a hotelaria. No início da década de 60, Taguatinga já contava com algumas pensões, mas a procura por hospedagem no Distrito Federal era muito superior à oferta. O setor apresentava-se como excelente oportunidade de investimento e a propriedade adquirida pelos Ahnert era ideal para isto: no terreno havia um galpão, dois quartos na lateral e uma casa com três quartos, sala, cozinha e banheiro.

Com poucos recursos, o galpão foi transformado em quartos e banheiros. Um quarto da casa passou a ser destinado aos hóspedes e ainda havia os dois cômodos da lateral. Tudo ficava no fundo do terreno. Além dos quartos, a família fornecia as refeições. Nascia a Pensão Alvorada. "O fluxo de pessoas era tão grande que havia gente dormindo até no sofá da sala e na cama do meu filho", lembra Yolanda. "As pessoas imploravam por uma vaga porque não havia onde ficar", conclui.

O primeiro hotel

Depois de três anos, em 1964, a pensão teve sua primeira amplia-

ção. Na frente do terreno, Yolanda e o marido construíram um prédio com quatro apartamentos no 1º andar, quatro lojas no térreo e uma recepção. A construção antiga, no fundo do terreno, também ganhou mais quartos e banheiros. Com a energia já funcionando plenamente, uma das lojas do novo prédio foi destinada à indústria de sorvetes, que funcionou bem durante alguns anos e depois foi vendida. A Pensão Alvorada passou a se chamar Hotel São Paulo.

Taguatinga já tinha ares de cidade. Após a transferência dos moradores da invasão do IAPI, próxima ao Núcleo Bandeirante, para lá, a cidade passou a se desenvolver rapidamente. "Meu sobrinho, Leilton Tácito Moyses, ajudou a carregar os barracos da invasão para Taguatinga durante mais de um mês", revela Yolanda. "A Novacap contratou vários caminhões da re-

gião para fazer este serviço."

Oito anos depois de montada a Pensão Alvorada, Yolanda tentou novamente conseguir um terreno no Plano Piloto junto ao presidente da Novacap. "Mostrei fotos dos quartos, da recepção e do refeitório durante uma reunião. Expliquei que pretendia construir um hotel e não precisei concorrer ao terreno em leilão", diz. "Com a venda de uma propriedade que meu irmão tinha em Santos, comprei um lote na quadra 2 do Setor Hoteleiro Norte", completa.

O Mirage

No local, não existia nada, nem o viaduto do início da W3 Norte. Apenas um outro edifício em construção dividia o espaço com o novo empreendimento dos Ahnert: o hotel Mirage. Por falta de verba, o hotel demorou anos para ser concluído e funcionou durante algum tempo com apenas o térreo e o

“
QUANDO CHEGAMOS A TAGUATINGA, POUCA COISA HAVIA POR LÁ. ALGUNS BARRACOS DE MADEIRA, A AVENIDA CENTRAL E TRÊS OU QUATRO CASAS DE ALVENARIA”

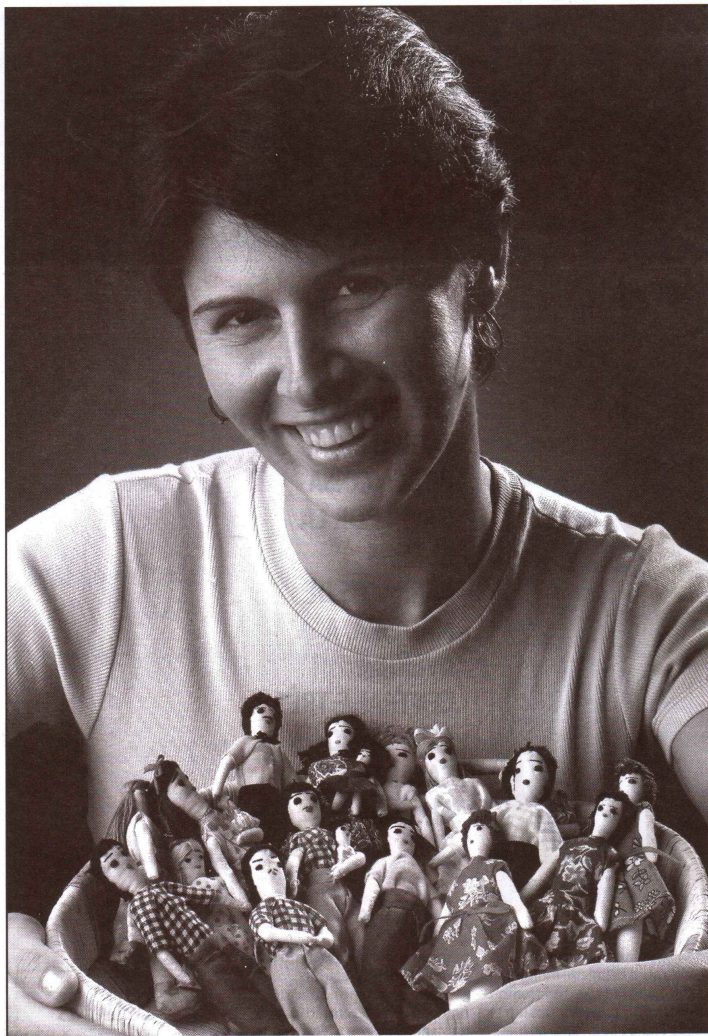
primeiro andar semipronto (o prédio hoje tem três andares).

Mas a busca por quartos de hotéis em Brasília era tão intensa, que o hotel passou a receber hóspedes ilustres ainda com as paredes sem reboco e com mobiliário precário. "As camas foram feitas por um marceneiro, os banheiros eram poucos, e as sala de estar e recepção foram montadas com móveis usados", descreve Yolanda. "As janelas eram forradas com papel, porque não tínhamos cortinas", conta.

Em 1974, com um empréstimo de 500 mil cruzeiros do Banco do Brasil, o prédio com 1.224 metros de área e 72 apartamentos pôde ser concluído. Na oportunidade, um contador do banco informou Yolanda que o empréstimo só havia sido aprovado por causa do perfil idôneo espelhado na contabilidade da Pensão Alvorada, fechada 14 anos depois.

Raio X

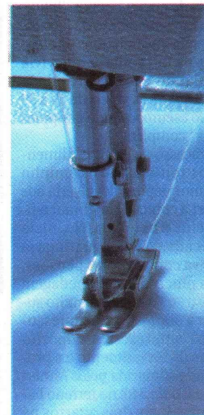
Nome:
Yolanda Francisca Moysés Ahnert
Idade:
74 anos
Origem:
Vargem, São Paulo
Ano da chegada a Brasília:
1960
Profissão:
Empresária
Marido:
Orlando Ahnert (falecido)
Filho:
Eduardo Ahnert
Neto:
Eduardo



FINANCIAMENTO PARA A JURACI PASSAR DE DONA DE CASA A DONA DE LOJA.

CREDITRABALHO.

FINANCIAMENTO PARA
OS MICRO E PEQUENOS
EMPRESÁRIOS, EMPREGO E
RENDA PARA A POPULAÇÃO.



A Juraci começou fazendo suas bonecas de pano como passatempo. Um dia ela participou como artesã de uma feira e foi um sucesso. Os clientes foram aparecendo, a procura cresceu e ela precisou aumentar a produção, mas não tinha capital suficiente. A solução veio com o **CREDITRABALHO**. Uma linha de crédito especial, que funciona com recursos do Fundo de Solidariedade para Geração de

Emprego, e beneficia micro e pequenos produtores urbanos e rurais, artesãos, feirantes e empreendedores informais, cooperativas e associações. O programa, criado para gerar emprego e renda, já ajudou mais de 14 mil pessoas desde 1996, entre elas a Juraci. Com o financiamento ela contratou mais duas pessoas, comprou novas máquinas, ampliou o espaço e já triplicou a produção.

GDF
GERENCIANDO O CREDITRABALHO